

Vilas-Boas querem atrair índios kreen-akores com canto de kaiabi

MÁRIO CHIMANOVITCH □ Enviado especial

Base de Cachimbo — O canto dos índios kaiabis, trazidos do Parque Nacional do Xingu para participar dos trabalhos de atração dos kreen-akores, será a principal arma dos irmãos Vila-Boas, nos próximos dias, para vencer a desconfiança e hostilidade dos índios gigantes, que desde o incidente com Aureliano Bispo estão desaparecidos.

Orlando Vilas-Boas, que se encontra no Xingu para trazer mais índios kaiabis destinados a reforçar a frente do rio Peixoto de Azevedo, acredita no sucesso da aproximação. Os kaiabis nunca foram inimigos dos kreen-akores, e segundo ele, "nada melhor que um índio para atrair outro." Prevê que novos contatos ocorrerão nos próximos dias.

Segurança

Desde que o trabalhador Aureliano Bispo de Oliveira foi ferido pelas flechas do kreen-akores ninguém mais se aventurou a sair da base de Cachimbo para ir até o acampamento montado nas margens do rio Peixoto de Azevedo. Além do medo, há a proibição de Orlando Vilas-Boas, que só permite o percurso em grupos de pelo menos 10 pessoas.

O acampamento é ligado à base por uma picada de cerca de 100 quilômetros, cruzando serras, grotas sombrias e locais que facilitariam emboscadas. Dois jornalistas que resolveram retornar a pé do acampamento foram repreendidos por Orlando, que teme a repetição do caso Mason, em 1961, quando o jovem antropólogo inglês foi morto a menos de 15 quilômetros da base, com 48 flechadas e 13 golpes de borduna.

O otimismo existente até agora na base cedeu lugar a um certo descontentamento, desde o incidente com Aureliano Bispo. Orlando explica que as armas encontradas não foram, como se supunha, deixadas pelos índios em sinal de amizade. A princípio ele pensou que se tratasse de oferenda, mas depois viu que foram esquecidas pelos silvícolas na pressa de fugir das balas do trabalhador.

Em paz

Os sertanistas estão convencidos de que os índios não estavam emboscados, como contou Aureliano Bispo, tanto que junto às armas esquecidas foram encontradas diversas pegadas de crianças.

— Os índios vinham em missão de paz ou estavam de mudança para aldeia maior — afirma Orlando, dando a entender que o incidente acabou pondo a perder dias e dias de paciente trabalho, que parecia caminhar para uma solução satisfatória. Agora é perigoso afastar-se muito dos limites da base, pois o trabalhador deve ter matado ou ferido gravemente um dos índios.

Os Vilas-Boas são os sertanistas de maior experiência com os kreen-akores. As tentativas de contato foram iniciadas em 1968 e, em fins de 1969, Cláudio e Orlando conseguiram chegar a duas aldeias desses índios, mas os habitantes haviam fugido. Em 1970 tiveram que suspender as tentativas de contato porque a Universidade de Brasília retirou o avião que colocara à disposição dos sertanistas.

— Ainda assim — conta Orlando — deixamos muitos facões, machados, enxadas e outras ferramentas nos aldeamentos. Hoje constatamos que os índios aproveitaram bem nossos presentes, tanto que na aldeia maior dos kreen-akores encontramos nada menos de 58 roças de milho e mandioca que foram abertas com essas ferramentas. Elas serviram também para os índios aprimorarem a confecção de suas armas: as flechas e bordunas têm agora um acabamento de pelo menos mil anos de diferença.

O confronto

Inimigos tradicionais dos txucamarrães, sobre quem nunca levaram vantagem nos sangrentos combates até agora travados, os kreen-akores vivem um período intermediário situado entre as idades da pedra lascada e polida.

Além de escaramuças com seringueiros e garimpeiros, esses índios, que realmente medem mais de 1,80m, jamais tiveram qualquer contato pacífico com os brancos. São do grupo Gê e usam cabeço cortado em forma de cuia.

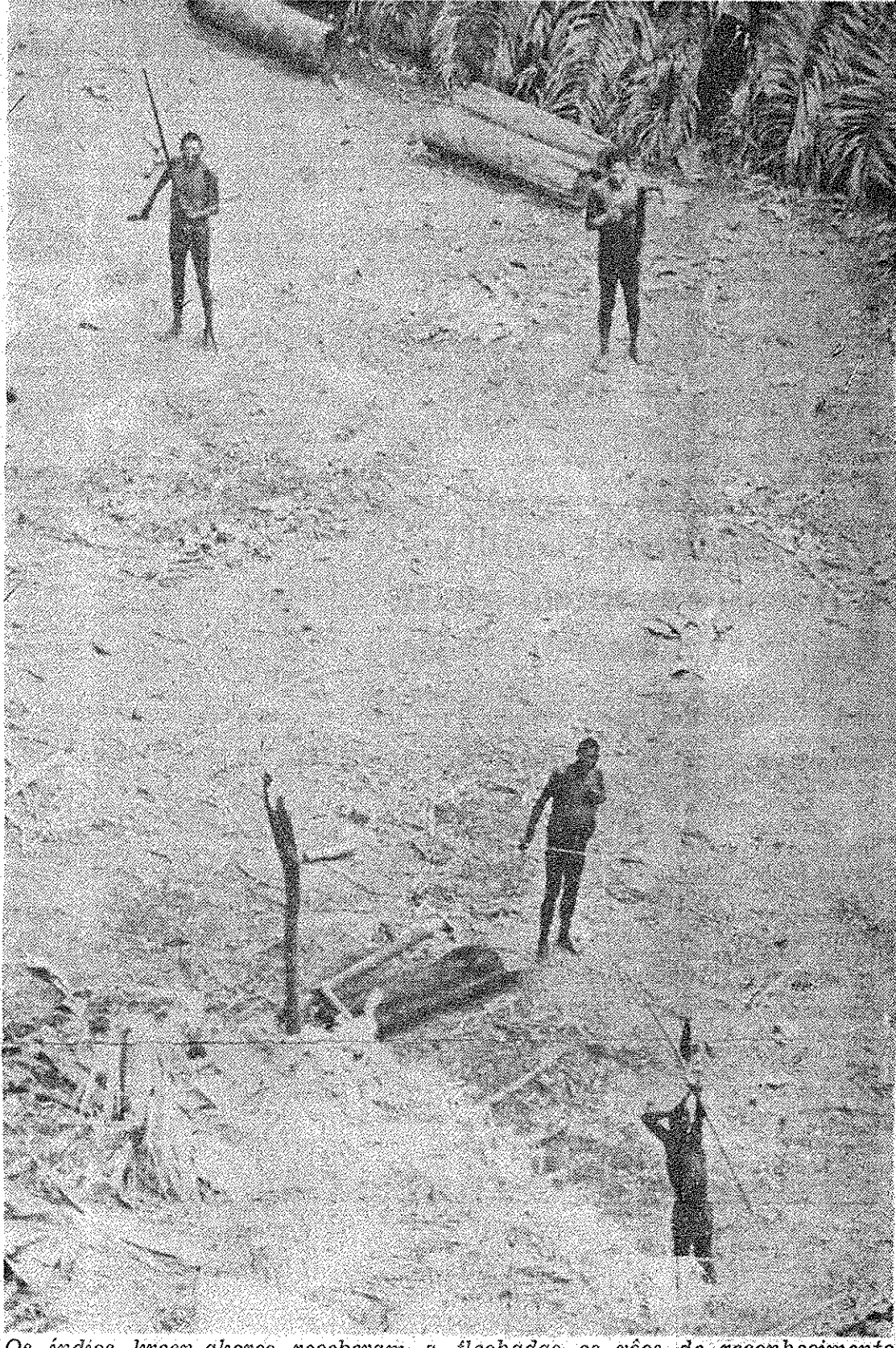
Segundo os txucamarrães, que chegaram até mesmo a raptar-lhes algumas crianças, os kreen-akores são hábeis no manejo do arco e das bordunas. Com esta última arma tornam-se perigosos e violentamente ofensivos.

Mas os kreen-akores gostam muito de música, o que faz Orlando Vilas-Boas crer que o acampamento dos kaiabis deverá exercer uma benéfica influência sobre eles, que se encontram exaltados em consequência do incidente com o trabalhador Aureliano Bispo. Segundo Orlando, os kreen-akores são agricultores razoáveis, que conseguem colher espigas de milho com o dobro do tamanho das plantadas por meios racionais.

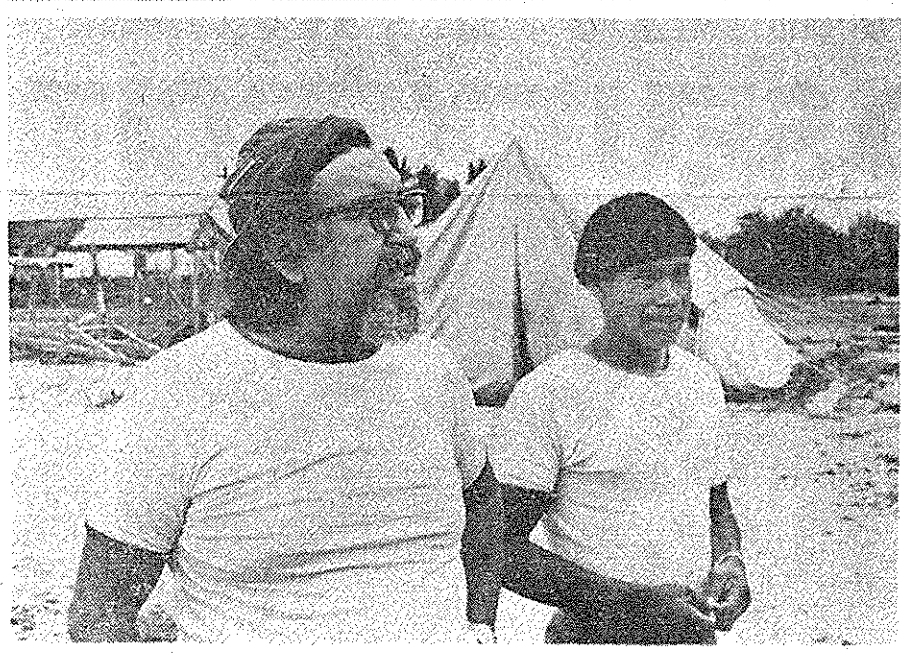
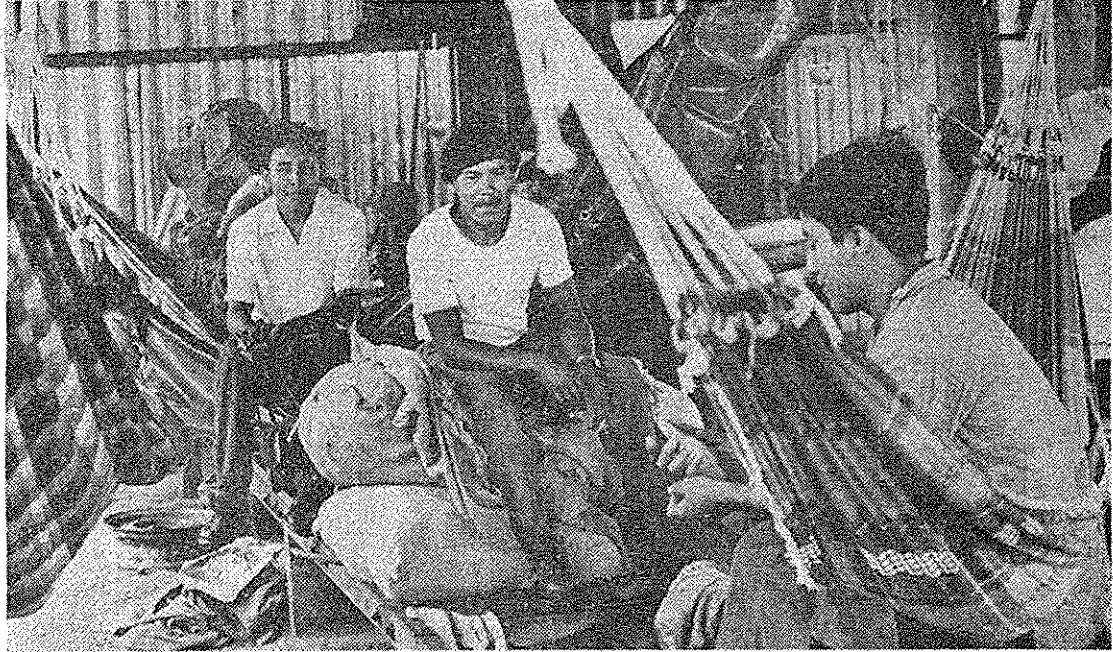
Debandada

Os kreen-akores parecem ignorar todos os preparativos para os futuros contatos e tentam fugir dos homens da expedição Vilas-Boas. Foram surpreendidos na travessia do braço Norte do rio Peixoto de Azevedo, usando um método bastante original. Estabeleceram, com enormes cipós, um sistema de cabos de uma margem à outra e, apoiados em grande pedaços de madeira, como se usassem pernas de jau, cruzaram o rio numa longa e paciente travessia.

Na base de Cachimbo foi montada uma expedição: aviões, máquinas e um sofisticado sistema de comunicações servem aos homens do 9º BEC, que prosseguem na abertura da estrada, rasgando matas e cruzando serras, no traçado da futura rodovia Cuiabá-Santarém. Na selva estão os kreen-akores, sem entender até onde chegará a ofensiva do progresso e temendo novos contatos com os civilizados, que podem reagir como reagiu o trabalhador Aureliano Bispo de Oliveira.



Os índios kreen-akores receberam a flechadas os vôos de reconhecimento



Orlando Vilas-Boas levou para a frente de atração os índios kaiabi, que cantam bem e nunca tiveram qualquer conflito com os kreen-akores

Tururim volta de avião com roupa para pataxós

Salvador (Sucursal) — Depois de passar 17 dias em Salvador, arrecadando roupas e cobertores, Tururim, o chefe dos índios pataxós de Monte Pascoal, embarca pela primeira vez num avião, de volta para sua gente, levando cerca de 300 quilos de donativos.

Tururim, acompanhado de seu primo Domingos Brás, pediu permissão ao chefe do posto da Funai em Porto Seguro para vir a Salvador, onde conhecia o antropólogo Pedro Agostinho e seus alunos da Universidade da Bahia, que estiveram na aldeia fazendo uma pesquisa sobre os últimos índios pataxós — coisa que nem a Funai fez até hoje.

RESULTADOS

Os índios trouxeram 40 arcos de pati com cordas e flechas de tucum para vender em

Salvador, além de colares de conchas e anéis de coquinhos de piaçaba. Com o dinheiro arrecadado — cerca de Cr\$ 500,00 — compraram cobertores de lã e outros artigos necessários à aldeia, que fica no Parque Nacional de Monte Pascoal, município de Porto Seguro.

Visitando colégios particulares da capital e se apresentando num programa de televisão os dois índios conseguiram 20 sacos de roupas, novas e usadas, que ontem à tarde foram esterilizadas no Hospital das Clínicas. Na segunda-feira um Douglas da FAB leva índios e roupas para a aldeia.

Tururim e Domingos estiveram no domingo na feira de artesanato no Terreiro de Jesus, ao lado dos hippies e artesãos, vendendo arcos e contas. Foram os que mais chamaram atenção, conseguindo além disso uma boa fêria.